

Metas serão cumpridas, prevê FMI

27 ABR 1992

PAULO SOTERO

Correspondente

WASHINGTON — As dificuldades que o governo vem enfrentando para cumprir as metas de política fiscal do programa de estabilização econômica, por causa da queda da arrecadação no primeiro trimestre e de novas demandas no lado das despesas, não deverão levar ao descarrilamento do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Em público e em particular, altos funcionários da instituição e do Tesouro dos Estados Unidos disseram nos últimos dias que, se o governo mantiver o rigor atual na execução da política de austeridade e conseguir recuperar até junho os resultados fiscais que não alcançou no início do programa, terá o apoio político necessário para receber a segunda parcela do empréstimo de US\$ 2,1 bilhões que o Fundo concedeu ao País no fim de janeiro.

O ministro da Economia, Márcilio Marques Moreira, que chegou à capital americana ontem para as reu-

niões semi-anuais do FMI e do Banco Mundial, disse, depois de um encontro com o diretor-gerente da instituição, Michel Camdessus, que não prevê maiores problemas com o Fundo. Na quinta-feira, Camdessus afirmou que continua "basicamente otimista" em relação ao plano de estabilização brasileiro, mas insistiu na necessidade de o País aprofundar as reformas estruturais que possibilitarão ganhos fiscais permanentes e o afrouxamento da política monetária. "Para o meu gosto, ela está comprimindo demasiadamente a atividade econômica", disse Camdessus.

Missão técnica — Oficialmente, a equipe econômica não admite que houve desvio. Segundo o secretário de Planejamento, Pedro Parente, os dados que permitirão aferir as contas do governo no primeiro trimestre estarão disponíveis em meados de maio. Só então o governo estará preparado para receber a missão técnica do FMI. A liberação da segunda parcela do crédito ocorrerá com a aprovação

do relatório da missão pela diretoria-executiva da instituição.

Dadas as objeções que alguns diretores fizeram ao programa, quando da sua aprovação, em janeiro, o governo, com o apoio de Camdessus, intensificou o trabalho político para convencer os eventuais recalcitrantes sobre seu empenho.

Esse foi um dos principais objetivos da visita que Márcilio fez recentemente ao Japão, um dos países que resistiram inicialmente, no Fundo, a apoiar o programa brasileiro. Ele continuará sua pregação em vários encontros que terá com autoridades americanas e européias. O presidente do Banco Central (BC), Francisco Gros, martelou na mesma tecla em duas palestras que fez em Washington na semana passada. "O grande tema no Brasil, neste ano de eleição, será a retomada do crescimento", disse Gros, enfatizando as enormes pressões políticas sob as quais o governo está conduzindo o programa.